

Resenha bibliográfica 1

Structuralist macroeconomics

Taylor, Lance. *Structuralist macroeconomics*. New York, Basic Books, 1983. 220 p.

EDMAR L. BACHA *

Este livro é uma bem-vinda seqüência de *Macro models for developing countries* (McGraw-Hill, 1979), do próprio Lance Taylor. Nele, o autor apresenta uma elaboração e uma síntese de modelos recentemente propostos para as economias em desenvolvimento. *Structuralist macroeconomics* deve ser lido não como um livro-texto comum, mas como um relatório de acompanhamento. Na verdade, seu subtítulo — *Applicable models for the Third World* — dá uma melhor idéia do conteúdo do que o próprio título, o qual tende a sugerir um grau de sistematização ou paradigmática ainda inexistente.

Os modelos são apresentados ao longo de nove capítulos, sendo que os quatro primeiros se ocupam dos modelos macroeconômicos de curto prazo, enquanto os cinco restantes analisam os modelos de crescimento. Além disso, o livro contém uma introdução, que trata da perspectiva estruturalista na economia do desenvolvimento, e um capítulo conclusivo, que examina as lições de política econômica.

O Capítulo 2 analisa o equilíbrio macroeconômico em termos kaleckianos. Os leitores são introduzidos em uma economia industrial com um único setor onde o salário nominal é dado. As curvas de custo têm a forma de um L invertido e os preços são determinados por um *mark-up* sobre os custos variáveis. A função poupança é do tipo “clássico” (ou seja, toda poupança provém dos lucros) e o investimento é uma função linear da taxa de lucros. Quando há capacidade ociosa, o produto é determinado pela demanda. Com utilização plena da capacidade, a taxa de *mark-up*

* Do Departamento de Economia da PUC/RJ.

ajusta-se instantaneamente para equilibrar o mercado de produto. As importações são exclusivamente de bens intermediários, os quais combinam-se com o trabalho doméstico em proporções fixas para gerar o produto final. A única função alocativa dos preços é a determinação do volume das exportações, como decorrência da suposição de que a demanda externa é sensível aos preços relativos.

Como um prelúdio aos modelos dos capítulos posteriores, todas as quantidades são expressas como proporções do estoque de capital da economia, num formato adequado a modelos de crescimento. Exercícios de estática comparativa enfatizam a possibilidade de conseqüências recessivas para uma desvalorização cambial. Restrições financeiras não originárias do *deficit* comercial não são, contudo, introduzidas explicitamente na análise. O capítulo conclui com uma seção sobre a dinâmica neomarxista do crescimento, na qual as restrições de capacidade interna são ignoradas, gerando-se uma trajetória de crescimento uniforme (*steady growth*) a partir da hipótese de que em pleno emprego o salário real seria constante e suas variações ao longo do tempo estariam inversamente relacionadas com a taxa de desemprego. Dessa forma, são derivadas as condições para um arrocho dos lucros no longo prazo, num belo exemplo de como modelos simples mas bem concebidos podem iluminar complicados debates que se observam na literatura; trata-se, neste caso, da aparentemente interminável disputa entre marxistas sobre a tendência à queda da taxa de lucro no longo prazo.

O “estruturalismo” refere-se, acima de tudo, às relações intersetoriais no contexto de uma economia em desenvolvimento. As interações entre a indústria substituidora de importações e o setor primário produtor de alimentos e gerador de divisas são especialmente enfatizadas. O Capítulo 3 discute exatamente os mecanismos de ajustamento macroeconômico nesse ambiente com dois setores. Primeiramente, um setor produtor de alimentos, com quantidades fixas e preços flexíveis, é adicionado à economia industrial kaleckiana do capítulo anterior. Dá-se então atenção à determinação conjunta do produto industrial e das relações de troca entre a agricultura e a indústria. Exercícios de estática comparativa consideram as conseqüências de se dividir uma dada produção de alimentos entre o mercado doméstico e as exportações. A discussão é interessante, mas excessivamente preocupada com a demanda. As importações intermediárias necessárias para a produção industrial são ignoradas, e o *deficit* comercial externo pode ser ilimitado. Estes problemas são observados no modelo imediatamente seguinte, onde se consideram as exportações de minérios,

que partilham com o setor industrial o uso de uma dada infra-estrutura doméstica não comerciável externamente. Analisam-se as possíveis consequências desindustrializadoras de um *boom* de exportações de minérios, juntamente com as consequências, tanto favoráveis como desfavoráveis, de uma desvalorização cambial nesse contexto estrutural.

Modelos simples são úteis para esclarecer as características básicas na operação das economias em desenvolvimento. Quando cresce o número de setores e se multiplicam as interações entre eles, torna-se cada vez mais difícil obter soluções analíticas explícitas. A formulação de políticas específicas num contexto multissetorial requer o emprego de modelos de simulação, com valores previamente especificados para os parâmetros relevantes. Uma ilustração prática dos ajustamentos de curto prazo é desenvolvida no Capítulo 4, onde se apresenta um modelo para a economia da Índia, seguindo a estrutura teórica do modelo agricultura/indústria, mas com cinco setores de produção (dois com preços flexíveis e três com produções flexíveis) ao invés de somente dois. Mais de 15 anos de experiência na aplicação de modelos multissetoriais, em distintas partes do mundo em desenvolvimento, são condensados por Taylor em não mais do que 30 páginas. Os principais truques da profissão são expostos numa apresentação magistral, que deverá ser um deleite tanto para os estudantes da economia do desenvolvimento como para os planejadores econômicos.

As questões monetárias ocupam os Capítulos 5 e 6. Primeiramente, no curto prazo e, em seguida, num contexto de crescimento. A meu ver, estes são os únicos capítulos fracos de um livro brilhante. Os problemas aparecem logo no início do Capítulo 5, quando Taylor assevera que: "Já que a ênfase . . . é sobre as mudanças de preços e não de produção, é mais simples supor plena utilização da capacidade" (p. 87, minha tradução). Keynes e Kalecki são postos de lado, e a macroeconomia neoclássica de mercados em equilíbrio toma seus lugares. Depois de jogar fora o bebê, Taylor tenta salvar a água do banho introduzindo custos financeiros no processo de determinação dos preços. Neste caso, uma contração monetária que aumente as taxas de juros não reduz necessariamente o preço de equilíbrio, já que a queda de oferta, causada pelo aumento nos custos do capital de giro, pode superar a contração de demanda causada por menores níveis de dispêndio. Apesar da crença dos monetaristas, a moeda pode variar em uma direção e os preços em outra, o que é um resultado "estruturalista" que os estruturalistas obteriam por meio do *mark-up*, e não através de preços em equilíbrio.

Esses problemas complicam-se no Capítulo 6, quando a inflação substitui o nível de preços no eixo vertical do diagrama *IS-LM*. Isto é feito postulando-se, em primeiro lugar, que o nível de preços (ou melhor, a razão entre os preços e os salários) não se altera a curto prazo, sendo uma variável de estado (*state variable*) cujo comportamento dinâmico é analisado mais adiante no capítulo. A taxa de inflação partilha então o palco da *IS-LM* com a taxa de juros nominal, sob a hipótese de que as funções de investimento e de demanda de moeda respondem à taxa de juros real, enquanto os custos de produção continuam sendo uma função da taxa de juros nominal. Alguns dos pressupostos são bastante discutíveis, mas é importante frisar que esta conceituação nada tem a ver com a maneira pela qual se supõe que a inflação deva aparecer em modelos estruturalistas, ou seja, como reflexo do conflito social e dos desajustes estruturais. De qualquer maneira, as curvas são as mesmas que se verificam no Capítulo 5, com o nível de preços sendo substituído pela taxa de inflação. Assim, não deve surpreender o fato de que uma contração monetária possa estar associada a uma taxa mais alta de inflação em condições de crescimento uniforme, caso o efeito de elevação dos custos de capital de giro seja suficientemente forte.

As mensagens básicas dos Capítulos 5 e 6 não convencem, mas os modelos incluem algumas características muito interessantes. Uma delas é uma tentativa, há muito tempo necessária, de deslocar a atenção do mercado de moeda para o mercado de crédito. Taylor deve ser parabenizado por isto, mas as dificuldades de introduzir esta complicação do mundo real nos modelos-padrão da *IS-LM* ficam evidentes em sua exposição. Considere-se, por exemplo, a discussão da página 96, referente às conseqüências de um aumento do nível de preços sobre o mercado de crédito. Isto imediatamente aumenta o valor de mercado das firmas (já que se supõe que o valor do capital e do produto variam segundo o mesmo nível de preços); mas, como as firmas são totalmente financiadas por empréstimos, “a hipótese tem de ser que mais cedo ou mais tarde as firmas colocarão seus ganhos de capital em uso, demandando mais empréstimos . . . Os recursos requeridos serão atraídos para o mercado de crédito por um aumento da taxa de juros” (p. 96, minha tradução). Compare-se esta explicação, absolutamente intuitiva, com a facilidade de se obter uma elevação da taxa de juros em conseqüência de um aumento do nível de preços, com uma curva *LM* padrão. Talvez fosse possível resolver o problema introduzindo-se um item de riqueza líquida no balanço das firmas (tal como no Capítulo 8, mais adiante), mas o exemplo ilustra as difi-

culdades de se desenvolver um paradigma simples para a curva LM , referente ao mercado de crédito.

Uma segunda característica bem-vinda dos Capítulos 5 e 6 é uma discussão *à la* Tobin do mercado de ativos, na qual as famílias podem reter “ouro” (um cognome para ativos improdutivos, tais como a terra ou o dólar, cujos preços variam ao longo do tempo, gerando ganhos ou perdas de capitais para seus detentores), depósitos nos bancos e empréstimos diretos às firmas. Os passivos das firmas, por outro lado, são empréstimos do público ou dos bancos. A questão específica que Taylor discute é o que acontece quando uma reforma financeira *à la* McKinnon-Shaw é instituída e o governo aumenta a taxa fixada para os juros sobre os depósitos bancários. Se o público procura vender o “ouro”, tudo vai bem; mas, se os depósitos crescem às custas dos empréstimos diretos, a situação pode complicar-se, particularmente quando os encaixes legais impedem que os bancos tornem a emprestar às firmas todo o produto dos novos depósitos do público. Este esquema de mercado de ativos tem um interesse enorme para uma discussão da especulação financeira em países em desenvolvimento, sendo uma pena que Taylor não se tenha estendido mais nesses capítulos com tais questões.

O Capítulo 7 retorna aos fundamentos estruturalistas, oferecendo uma discussão ampla e clara do modelo de dois hiatos, com especificações alternativas para o problema de “como fechar o hiato entre os hiatos”. Esta discussão, centrada sobre o saldo da balança comercial, é complementada no Capítulo 8 por uma análise dos efeitos dos movimentos de capitais financeiros privados sobre o balanço de pagamentos global. Em contraste com os dois hiatos, os problemas analisados aqui são de origem recente, tendo a ver com a substituição entre moedas e atraso cambial, em países em desenvolvimento que abriram seus mercados para as importações competitivas e os fluxos internacionais de capitais financeiros e, além disso, implantaram políticas de estabilização segundo os cânones do enfoque monetário do balanço de pagamentos. Os modelos de Taylor são úteis para ajudar a entender algumas das razões pelas quais estas experiências fracassaram, mas esta é uma área onde ainda se requer pesquisas adicionais para dissipar as dúvidas.

O Capítulo 9 lida com modelos estruturalistas de inflação, ou, mais especificamente, com o conflito distributivo entre trabalhadores e capitalistas, num contexto de crescimento com um estrangulamento no setor produtor de alimentos. Na primeira seção, após apresentar um modelo relativamente intrincado, o autor parece arrependê-lo, sugerindo num

curto parágrafo uma especificação muito mais simples que teria gerado os mesmos resultados. É um mistério a razão de Taylor não ter seguido a ordem inversa, ou seja, apresentando primeiro o modelo mais simples e depois os conhecimentos adicionais adquiridos com a especificação mais elaborada. A natureza não-paradigmática dos modelos estruturalistas de Taylor fica também evidente no segundo modelo deste capítulo. Em primeiro lugar, supõe-se que o estoque de capital do setor agrícola cresça a uma taxa constante, dada exogenamente. Então, postula-se que os capitalistas industriais almejem uma expansão do estoque de capital urbano à mesma taxa que os da agricultura. Taylor então conclui que uma taxa mais rápida de expansão agrícola aumentaria a inflação ao pressionar os lucros e as relações de troca. Tal proposição poderia ser tratada como o teorema antiestruturalista de Taylor!

O Capítulo 9 conclui com uma discussão iluminadora sobre as consequências da redistribuição de renda para a taxa e o padrão de crescimento de uma economia em industrialização. A conclusão básica é que tudo depende dos parâmetros e das funções de comportamento, mas pelo menos esta análise sistemática nos coloca alguns passos à frente dos argumentos primitivos (e freqüentemente contraditórios) que se ouvem em distintas partes do mundo em desenvolvimento sobre a relação entre a redistribuição e o crescimento.

O penúltimo capítulo, que antecede às conclusões, é uma bela e contundente análise da interação entre o comércio Norte-Sul e o crescimento do Sul, que se baseia nos trabalhos de Lewis, Prebisch e Nurkse. Pode-se discutir uma ou outra hipótese, mas as conclusões são bastante fortes, provendo, de fato, uma boa fundamentação teórica para a retórica do Sul nas negociações sobre uma Nova Ordem Econômica Internacional.

Escrito com lucidez e exposto de forma contundente, *Structuralist macroeconomics* é um livro da maior importância. Trata-se de uma leitura indispensável para os acadêmicos e praticantes da economia do desenvolvimento em qualquer parte do mundo.